

Coleção Khronos
Dirigida por J. Guinsburg

Erealds
12 copias

5.1

Equipe de realização - Tradução: Alice Kyoko Miyashiro; Revisão:
Geraldo Gerson de Souza; Produção: Ricardo W. Neves e Sylvia Cha-
mis.

Pierre Broué

A Revolução Espanhola (1931-1939)



EDITORA PERSPECTIVA

Titulo do Original Francês
La Révolution Espagnole (1931-1939)

© Flammarion, Paris, 1973

Direitos em língua portuguesa reservados à
EDITORA PERSPECTIVA S.A.,
Avenida Brigadeiro Luís Antônio, 3025
01401 - São Paulo - SP - Brasil
Telefones 885-8388/885-6878
1992
3885-678

DOCUMENTOS

18. O PC e a Aliança Operária.
 19. Opinião da IC sobre a evolução da JS.
 20. A insurreição das Astúrias vista por um socialista de esquerda.
 21. Apelo da Juventude Socialista Espanhola à unidade internacional.
 22. Apelo de Santiago Carrillo à unidade dos revolucionários.
- ### III. A Frente Popular
23. Declaração do PCE por seu ingresso na Aliança Operária.
 24. A virada da JS para Moscou.
 25. Programa da Frente Popular.
 26. O POUM e a Frente Popular.
 27. O duplo poder visto pelo Presidente da República.
 28. Os anarquistas e a questão do poder:
 - a. Contra
 - b. A favor
 - c. Após
 29. O POUM e a questão do governo:
 - a. Quando de seu ingresso no Conselho da Generalidad
 - b. Após sua exclusão.
 30. A política do PCE:
 - a. Carácter da Revolução
 - b. Contra os "trotskistas"
 - c. Com as "democracias"
 - d. Pela república parlamentar.
 31. O PCE e a defesa de Madrid:
 - a. Manifesto do 5º Regimento
 - b. Manifesto do Comité Central
 - c. Segundo Manifesto do 5º Regimento
 - d. Instruções à população
 - e. Comunicado da Junta de Defesa
 - f. Apelo do 5º Regimento na rádio.
 32. O governo de Stalin e a Espanha:
 - a. Carta de Stalin, Vorochilov, Molotov
 - b. Carta de Largo Caballero.
- ### IV. Processos de Moscovo na Espanha
33. Nota à imprensa do Consulado Geral da URSS em Barcelona.
 34. Andrés Nin: Espanha revolucionária e Processos de Moscovo.
 35. Artigo da *Pravda*.
 36. Carta do CN da CNT contra a perseguição ao POUM.
 37. Revelações de Federica Montseny.
 38. Nota do Ministério da Justiça sobre o caso Nin.
 39. O POUM clandestino e o caso Nin.
 40. O caso Nin visto pela revista da IC.
 41. Decreto proibindo os ataques contra a URSS.
- ### I. As Organizações Operárias no Início da República
1. Lei de Defesa da República votada pelos deputados socialistas.
 2. Comentários dos comunistas sobre o voto da Lei de "Defesa da República".
 3. O ponto de vista falso que predomina na CNT.
 4. As conclusões do manifesto do Grupo dos Trinta.
 5. O ponto de vista do secretário da IC sobre a queda de Primo de Rivera.
 6. Maurín e a IC em 1930.
 7. A Executiva da IC sobre a exclusão de Maurín.
 8. Andrés Nin sobre Maurín.
 9. O PCE e a coalizão republicano-socialista.
- ### II. Unidade Operária e Via Revolucionária
10. A virada à esquerda dos socialistas através dos discursos de Largo Caballero (1934).
 11. A virada à esquerda dos socialistas visto por um comunista trotskista.
 12. O problema da Frente Única Operária colocado através das eleições de novembro de 1933.
 13. O apelo da Aliança Operária da Catalunha (1933).
 14. Decisões de ação do Comité Executivo do Partido Socialista (Janeiro de 1934).
 15. Os anarquistas contra a Frente Única.
 16. Trechos dos dez mandamentos do jovem socialista.
 17. Pacto da Aliança Operária das Astúrias.
- ### III. A Frente Popular
33. Nota à imprensa do Consulado Geral da URSS em Barcelona.
 34. Andrés Nin: Espanha revolucionária e Processos de Moscovo.
 35. Artigo da *Pravda*.
 36. Carta do CN da CNT contra a perseguição ao POUM.
 37. Revelações de Federica Montseny.
 38. Nota do Ministério da Justiça sobre o caso Nin.
 39. O POUM clandestino e o caso Nin.
 40. O caso Nin visto pela revista da IC.
 41. Decreto proibindo os ataques contra a URSS.

42. Delitos passíveis dos tribunais especiais.
43. Resumo, pelo procurador, do auto de acusação contra o POUIM.

V. Pounistas e Trotskistas

44. Trotski sobre o POUIM.
45. O POUIM sobre os trotskistas.
46. Críticas do Interior do POUIM.

I. As Organizações Operárias no Início da República

Documento 1:

A LEI DE DEFESA DA REPÚBLICA VOTADA PELOS DEPUTADOS SOCIALISTAS (OUTUBRO DE 1931)

Artigo Primeiro.

São considerados atos de agressão contra a República e, como tais, submeitados à presente lei:

1º A incitação à desobediência às leis e às disposições legítimas das autoridades.

2º A incitação à indisciplina, a provocação ao antagonismo entre as diferentes partes do Exército, ou entre estas e as organizações civis.

3º A propagação de notícias que possam abalar o crédito ou perturbar a paz ou a ordem pública.

4º A provocação indireta ou a incitação a cometer atos de violência contra as pessoas, as coisas ou as propriedades, por motivos religiosos, políticos ou sociais.

5º Toda palavra ou gesto de desprezo em relação às instituições ou organismos do Estado.

6º A apologia do regime monárquico ou das pessoas que o simbolizam, o uso de emblemas, insígnias ou sinais distintivos que façam alusão a esse regime ou a essas pessoas.

7º O porte ilegal de armas de fogo e a posse de substâncias explosivas proibidas.

8º A suspensão ou a paralisação de indústrias ou de trabalhos de qualquer tipo, sem justificativas suficientes.

9º As greves não anunciadas oito dias antes, a menos que, haja outros prazos anunciados, numa lei especial; as greves desencadeadas por outros motivos que não as questões de trabalho, e as que não forem precedidas de um arbitramento ou de uma conciliação.

10º As variações injustificadas do preço dos géneros alimentícios.

11º A falta de zelo ou a negligência por parte dos funcionários públicos na execução de seu serviço.

Art. II.

Podão ser deportados ou banidos por um período não superior ao da validade desta lei, ou multados até um máximo de 10.000 pesetas, os autores diretos dos atos enumerados nos §§ 1 a 10 do Artigo anterior, bem como os que tiverem incitado a cometê-los. Além disso, será, conforme o caso, confiscado ou suspenso o que tiver servido para a sua execução. Aquelles que forem considerados culpados dos fatos indicados no § 11 serão suspensos, ou privados de seu cargo, ou rebatidos de posto.

Art. III.

O Ministro do Interior tem a faculdade de:

1º Proibir as reuniões ou manifestações públicas de carácter político, religioso ou social, quando, em razão das circunstâncias, é possível presumir que o seu desenvolver poderia perturbar a paz pública.

2º Dissolver os centros das associações consideradas iniciadoras da realização dos atos enumerados no Artigo I desta lei.

3º Examinar a contabilidade e investigar a origem e a distribuição dos fundos de qualquer organização enumerada pela lei sobre as associações.

4º Decretar o confisco das armas de qualquer tipo e das substâncias explosivas, mesmo daquelas cuja posse seja legal.

Art. IV.

A aplicação da presente lei é confiada ao Ministro do Interior.

O governo poderá, para applicá-la, nomear delegados especiais cuja jurisdição se estenderá a duas ou várias provincias.

Se, quando da dissolução das Cortes Constituintes, estas não prorrogarem esta lei, entender-se-á que ella será abolida.

Documento 2:

COMENTÁRIOS DOS COMUNISTAS SOBRE O VOTO DA LEI DE "DEFESA DA REPÚBLICA"

"Uma análise sumária desta lei prova o seu carácter eminentemente antiproletário, apesar dos esforços que os social-democratas fazem para apresentá-la como dirigida contra a direita monarchista e contra a esquerda anarquista..."

...O emprego pelas autoridades social-democratas da Alemanha das leis para a protecção da suposta República votadas contra a direita mostra que essas leis são, na realidade, dirigidas contra o proletariado revolucionário.

Logo a imprensa do Partido Comunista é proibida, enquanto os jornais monarchistas continuam a sua publicação. A República dos ban-

queiros necessitava de uma arma para massacrar "legalmente" os trabalhadores da Espanha, e são os ministros social-fascistas que se apressaram a colocá-la à sua disposição.

O proletariado da Espanha não deixará de responder a essa nova provocação com a intensificação da luta revolucionária sob a direção do Partido Comunista."

("Las Cortes votent une loi scélérate

pour la défense de la République")

La Correspondance Internationale, n. 98, 31 de outubro de 1931, p. 1111.)

Documento 3:

O PONTO DE VISTA "FAISTA" QUE PREDOMINA NA CNT

"Contra a força autoritária, o que conta é a fúria pessoal, individualista, de pequenos grupos. As forças do Poder opõem-se a cinghiosidade e a ousadia dos revolucionários. Se é impossível combater corpo a corpo, o peito descoberto, contra as organizações que vencem inevitavelmente, é possível, em compensação, combatê-las por outros meios. O principal trunfo das organizações que estão a serviço da burguesia é a abundância dos elementos de que dispõem para lutar. O principal trunfo da Revolução deve ser a ousadia, o combate na sombra, a capacidade de semear o terror que desmoraliza, a eficácia do dano infligido sem risco ou com um risco mínimo."

(*Tierra y Libertad*, 14 de abril de 1933.)

Documento 4:

AS CONCLUSÕES DO MANIFESTO DO GRUPO DOS TRINTA

"...Somos revolucionários, sim, mas não cultivamos o mito da revolução. Queremos o desaparecimento do capitalismo e do Estado, seja ele vermelho, branco ou preto; não para substituí-lo por um outro, mas para que, uma vez feita a revolução, pela classe operária, esta possa impedir a reconstituição de todo poder, qualquer que seja a sua cor. Queremos uma revolução que nasça de um sentimento profundo do povo, como a que está se forjando hoje, e não uma revolução que nos ofereçam, que pretendem realizar esses indivíduos, que se tivessem êxito, chamem-na como quiserem, se converteriam fatalmente em ditadores já no dia seguinte ao seu triunfo. Essa revolução, nós a queremos e a desejamos.

A maioria dos militantes da organização a quer também? Eis o que é preciso elucidar, o que é preciso formular claramente bem antes. A Confederação é uma organização revolucionária, não uma organização que cultiva o triunfo e a rebelião, que tem o culto da violência pela

violência, da revolução pela revolução. Desse ponto de vista, nos dirigimos aos militantes, a todos, e lhes lembramos que o momento é grave, chamamos a sua atenção para a responsabilidade que cada um, por sua ação ou sua abstenção, vai assumir. Se hoje, amanhã, não importa quando, os convocamos para um movimento revolucionário, que não se esqueçam de que são devedores à Confederação Nacional do Trabalho, a uma organização que tem o direito de se controlar a si mesma, de velar sobre seus próprios movimentos, de agir por sua iniciativa própria e de se determinar a partir de sua vontade própria. Que a Confederação seja aquela que, seguindo seus próprios caminhos, deve dizer como, quando, em que circunstâncias é preciso agir, que tenha uma personalidade e meios próprios para fazer o que tem de fazer.

Que todos sintam a responsabilidade desse momento excepcional que estamos vivendo. Que não se esqueçam de que, do mesmo modo que o fato revolucionário pode conduzir ao triunfo, e que, quando se malogra, se deve cair com dignidade, da mesma forma que toda ação esporádica da revolução conduz à reação e ao triunfo das demagogias. Que cada um adote hoje a posição que lhe pareça a melhor. A nós, vocês a conhecem. Firmes nessa proposição, nós a manteremos em qualquer tempo e em qualquer lugar, ainda que, para mantê-la, sejamos envolvidos pelas correntes contrárias."

(J. Peirats, *La CNT en la Revolución Española*, t. I, pp. 47-48.)

Documento 5:

O PONTO DE VISTA DO SECRETÁRIO DA INTERNACIONAL COMUNISTA SOBRE A QUEDA DE PRIMO DE RIVERA

"É preciso compreender com nitidez que, apesar das formas de guerra civil às quais dá origem o impulso revolucionário da Espanha, a classe operária desempenha no momento apenas um papel infimo nesse movimento. Por isso, os movimentos dessa ordem desfilam no cenário histórico como um simples episódio que não deixa traços profundos no espírito das massas trabalhadoras e não enriquece a sua experiência da luta de classes. Uma greve parcial pode ter, para a classe operária internacional, uma importância mais sugestiva que uma tal revolução, "gênero espanhol", que se efetua sem que o PC e o proletariado nela exercam o seu papel dirigente."

(Tradução de uma intervenção de D. Manniski, secretário da Executiva da IC, na X Sessão Plenária do Comitê Executivo, em *La Correspondance Internationale*, n. 44, 1930, p. 523.)

Documento 6:

MAURÍN E A IC EM 1930, SEGUNDO A IC

"Voltei para a Espanha, como sabem, para trabalhar de acordo com a linha da IC e as resoluções do II Congresso do PCE. É nesse sentido que lhes escrevi quando de minha estada em Moscou, e tal é, de facto, a minha intenção.

O Comité Executivo me apresenta como um trotskista. Vocês sabem que isso é absolutamente falso. Eu tomei posição sobre o trotskismo em 1925, quando a maioria do Comité Executivo actual do PCE era trotskista. Por outro lado, o órgão trotskista *La Vérité* me combate como o elemento mais perigoso para os seus projetos no PCE.

Acceitei com muita sinceridade a linha da IC e trabalhei sempre de acordo com ela. Vocês conhecem, penso, toda a minha fidelidade em relação à causa comunista."

(Carta ao Secretariado da IC, de Barcelona, no dia 8 de julho de 1930, citada em *La Correspondance Internationale*, n. 65, 22 de julho de 1931, p. 812.)

Documento 7:

A EXECUTIVA DA IC E A EXCLUSÃO DE JOAQUÍN MAURÍN

"O CE da IC, chamado a se pronunciar sobre a decisão do PCE de excluir Joaquín Maurín das fileiras do Partido e sobre o apelo de Maurín à Internacional contra essa decisão, constata que:

1. Em toda a sua atividade política, em seus discursos, seus artigos, Joaquín Maurín defende uma linha política, tática e de organização contrária à linha da Internacional e do PC espanhol, uma linha liberal menchevista que, na situação revolucionária actual da Espanha, constitui uma verdadeira traição ao proletariado revolucionário. Maurín, embora partindo da afirmação justa de que a Revolução Espanhola é uma revolução democrático-burguesa, não compreende que o proletariado e seus aliados - os camponeses - devem desempenhar no próprio desenvolvimento dessa revolução um papel dirigente... Em vez de procurar desenvolver o proletariado sobre o seu papel dirigente na revolução democrática em curso, Maurín quer transformar o movimento operário em apêndice dos grupos e partidos pequeno-burgueses que realizam a obra política da burguesia. Essa política, no fundo, não é outra coisa senão a política da burguesia. Essa política liberal menchevista levou Maurín a praticar uma política trotskista em colaboração com Nin... Jamais ele combatu o trotskismo, nem se diferenciou claramente dele. Enfim... Maurín e seu grupo apoiaram os líderes anarco-sindicalistas da CNT em sua campanha contra a ação revolucionária do Partido Comunista...

2. Maurín, para enganar os operários revolucionários e disfarçar seu trabalho de desagregação do movimento comunista espanhol, fez, de forma sistemática, um duplo jogo de político... Em colaboração com Nin e outros trotskistas excluídos, conduziu a campanha de difamação contra o PCE, esforça-se por desagregar as suas fileiras, e organizou a cisão da Federação Comunista da Catalunha, esforçando-se para levantar contra a Internacional os operários revolucionários da Catalunha... O CE da IC considera como absolutamente justa e justificada a decisão do CE do PCE de excluir Maurín de suas fileiras..."

Moscou, 3 de julho de 1931.

O Comité Executivo da IC.
(*La Correspondance Internationale*, n. 65, 22 de julho de 1931, pp. 811-812)

Documento 8:

ANDRÉS NIN SOBRE JOAQUÍN MAURÍN

"2 de novembro de 1930/Federação Comunista Catalã-Baleár/Até muito recentemente aderiu ao partido oficial. Seu líder mais destacado é Maurín. À sua chegada à Espanha, o CE que nunca viu com bons olhos este camarada (pois, apesar de suas hesitações, é um camarada muito inteligente e sobretudo muito honesto), pediu-lhe que fizesse uma declaração contra o "trotskismo" e renunciasse aos seus "antigos erros". Ele se negou a dar essa declaração e então excluíram-no... Não sei se sabem que estou ligado a ele por uma amizade muito antiga. Maurín está muito próximo de nós e estou certo de que acabará por se pronunciar pela Oposição... Poderíamos estragar tudo se o atacássemos de forma injustificada demais.

5 de fevereiro de 1931: As teses políticas da Federação Comunista Catalã... foram redigidas por mim e por Maurín.

7 de março de 1931: A Federação Catalã julga que minha adesão direta... poderia agravar as suas relações com a IC. E justo.

12 de abril de 1931: Se, hoje, o meu ingresso não foi possível, ele logo o será, talvez antes de um mês...

15 de abril de 1931: A Federação Catalã veio solicitar o meu curso. Não podia recusá-lo e eis-me trabalhando de uma forma imediata (na realidade, dirigente, em larga medida) no Comité Central dessa organização.

29 de junho de 1931: A sua orientação é sempre vacilante, indefinida. Minhas relações com seus dirigentes passaram por várias etapas, colaboração, ruptura, de novo colaboração, de novo ruptura. Atualmente nos encontramos nesse último caso... até o congresso de unificação.

13 de julho de 1931: Para o nº 3 da revista, escrevi um artigo contra os erros de Maurín. Não se pode guardar silêncio sobre eles sem

1. Trata-se de *Comunistino*.

grande perigo para o movimento. A campanha eleitoral feita pelo Bloco nesses dias tinha muito pouco de comunista."

(Trechos de cartas de Andrés Niza a Trotski, "La Revolución española (1936-1939)", in: *Ensayos marxistas*, n. 7/8, pp. 80-82.)

Documento 9:

O PC ESPANHOL E A COALIZÃO REPUBLICANO-SOCIALISTA

"A contra-revolução encarregou Azaña de pegar o chicote da repressão e do terror contra os operários e os camponeses revolucionários." (*Mundo Obrero*, 13 jun. 1933.)

"Largo Caballero, 'quase' bolchevique e completamente socialista." (*Mundo Obrero*, 17 ago. 1933.)

"O social-fascista Prieto, jactaio sangrento do capitalismo." (*Mundo Obrero*, 15 fev. 1933.)

"Denunciamos abertamente, diante de todos os operários, a concordância entre o Comité Ejecutivo do Partido Socialista Espanhol e os preparativos de Lerroux." (*Mundo Obrero*, 19 set. 1933.)

"Os líderes socialistas, eles também, conspiram e protegem o fascismo." (*Mundo Obrero*, 24 maio 1933.)

"Os líderes socialistas pactuam com a contra-revolução e o fascismo." (*Mundo Obrero*, 30 mar. 1932.)

"O governo Azaña-Prieto, numa nota oficial, coloca-se às ordens de seus patrões, os capitalistas." (*Mundo Obrero*, 22 abr. 1933.)

"Não há, não pode haver funções intermediárias. É preciso desmascarar os traidores e os demagogos democráticos." (*Mundo Obrero*, 15 fev. 1933.)

(Montagem realizada por *La Batalla*, 5 de fevereiro de 1937.)

II. Unidade Operária e Via Revolucionária

Documento 10:

A VIRADA À ESQUERDA DOS SOCIALISTAS ATRAVÉS DOS DISCURSOS DE LARGO CABALLERO (1934)

"Nós, nós acreditamos que era nosso dever sofrer tudo o que era preciso sofrer e suportar para defender a República. Não vou fazer a história do que sofremos e suportamos. Vou apenas lembrar que nós, socialistas, aprofundamos a lealdade, após ter posto toda a nossa força organizada a serviço da revolução, até contribuir, um pouco a contragosto, mas com a lealdade a que estávamos obrigados, para que o Parlamento aprovasse o conjunto da legislação repressiva e restritiva que existe

hoje na Espanha. Legislação que será, com certeza, utilizada contra os trabalhadores; mas que era necessário para a defesa do regime. Nós, quando estávamos no poder, tivemos mais mortos pela força pública do que em outras épocas durante o mesmo lapso de tempo. Trabalhamos para impedir greves que poderiam ter perturbado a economia do país. É claro que não podíamos evitá-las todas; mas, em definitivo, nós nos comportamos com lealdade....

...O Partido Socialista foi expulso do poder de forma ignominiosa. O Partido Socialista e a classe operária consciente da Espanha jamais poderão esquecer que, após o que fizeram, foram expulsos do modo como foi feito....

...Creio que, sob a República, é perfeitamente compreensível que se diga à classe operária, de modo claro e nítido, que ela não atingiu o objetivo de suas aspirações e que lhe é preciso ir muito mais longe. Que 'muito mais longe' não significa abater a República para que venha uma Monarquia, mas substituir essa República por uma República social....

...Primeiramente, lutaremos o máximo possível para levarmos ao Parlamento tudo o que pudermos, quanto mais houver, melhor será. Do mesmo modo nos Conselhos Municipais. Ou seja, a luta legal, a luta no quadro da Constituição. Nós lutamos nesse quadro. Porém, se o governo não se sai bem, se ele golpeia a classe operária, então faremos o que eu disse perante o Conselho de Guerra quando o Comité Revolucionário compareceu diante dele: que fôramos à Revolução porque o governo da Monarquia não permitia a liberdade como deveria tê-lo feito, e porque a classe operária não encontrava soluções imediatas para a melhoria de suas condições....

...Para assegurar a vitória, devemos acabar com as lutas internas na classe operária. E aproveito esta ocasião para me dirigir a esses grupos de trabalhadores que nos combatem sem razão. Aonde querem ir? Qual é seu objetivo? Seu objetivo, como o nosso, é a igualdade social. E se caminhamos para os mesmos objetivos e se queremos acabar com a classe capitalista, que sufoca seus ódios e seus rancores para se unir com a classe operária, por que nós também não deveríamos sufocar nossos ódios e nossos rancores para constituir um conjunto bem unido e combater com eficácia o inimigo comum? Se tivéssemos mais tempo, faríamos uma exposição completa sobre a concepção socialista do Estado. Acusamos de sustentar a idéia de que o Estado está acima da classe operária. Os que assim falam demonstram que não compreenderam bem as nossas idéias. Queremos que o Estado desapareça enquanto elemento de opressão. Queremos transformá-lo num organismo puramente administrativo, e ponto final!"

(F. Largo Caballero, *Discursos a los Trabajadores*, pp. 16, 18, 84, 122.)

Documento 11:

A VIRADA À ESQUERDA DO PARTIDO SOCIALISTA VISTA POR UM COMUNISTA TROTSKISTA

"Parece que o Partido Socialista percebeu que a burguesia se prepara para eliminar por completo tudo o que o mundo operário conseguiu construir no curso da evolução histórica. E, como, em definitivo, o Partido Socialista é parte integrante desse mundo operário e dele se guisa, corre igualmente o perigo de ser destruído. Não se trata mais, para o Partido Socialista, de servir à burguesia, usando sua influência para iludir o proletariado, pois a burguesia lhe fez saber que não só ela nada pagaria por esse serviço, mas ainda que uma necessidade superior a levava a executar o seu velho servidor.

Colocado nessa macabra situação, o Partido Socialista, aterrado, brada: 'É preciso fazer a revolução!', como o condenado à morte que, ao pé do cadafalso, berria que não quer morrer. É porque tem medo de que o Partido Socialista empreenda uma virada radical e se volte para posições revolucionárias. É pelo simples fato de que fala de revolução e as massas populares. Todos os olhares se voltam para ele, todos os braços se estendem, todas as bocas o aclamam, todos os corações ardem de entusiasmo... Porém, do que a classe operária precisa, nesse momento, é de um partido que queira e que possa fazer a revolução, não de um partido que possas apenas acenar com a ameaça dela. Pois a contrarrevolução não é hoje a livre escolha da burguesia, mas uma necessidade incontestável para o capitalismo."

(Esteban Bilbao, "Algunas consideraciones ante la situación", *Comunismo*, n. 34, pp. 167-168.)

Documento 12:

O PROBLEMA DA FRENTE ÚNICA OPERÁRIA COLOCADO ATRAVÉS DAS ELEIÇÕES DE NOVEMBRO DE 1933

"O grupo da Esquerda Comunista de Madrid de acordo com as disposições de seu Comitê Nacional Executivo, dirige-se, antes do segundo turno das eleições gerais em Madrid, ao proletariado para fixar a sua posição política sobre os seguintes pontos:

1. A decisão tomada pelo Partido Comunista oficial de convidar os trabalhadores à abstenção..., de depositar uma cédula eleitoral com a inscrição 'eu voto no Partido Comunista', constitui um novo abandono da tática política revolucionária e uma queda no confusionalismo anarquista mais decadente. A cédula eleitoral é uma arma eventual de luta, que deve ser utilizada levando em consideração as condições da situação objetiva: o amor-próprio político é estranho a toda compreensão positiva da política revolucionária.

2. Os atuais progressos da reação burguesa, mais negra tornaram-se possíveis pela política claudicante de colaboração do Partido Socialista com o capitalismo. A Esquerda Comunista jamais dissimulou e jamais dissimulará a sua enérgica e categórica condenação à política da seção espanhola da Segunda Internacional. Independentemente dessa atitude política, a Esquerda Comunista aconselhará a classe operária a votar e a trabalhar com todo o seu entusiasmo, domingo próximo, para o triunfo da candidatura socialista. O caráter de batalha entre o marxismo e o anarquismo que a burguesia imprime à luta obriga a classe operária a se agrupar em torno da única candidatura à vista.

3. O apoio que a classe operária madrilenha não deixará de dar, domingo próximo, à candidatura socialista deve ser interpretado como o desejo ardente da Frente Única de lutar contra a ofensiva da reação. A palavra de ordem que é preciso impor às diferentes organizações operárias, nas circunstâncias atuais, é: 'Marchar separadamente, atacar unido, ou seja, conservar a independência política e de organização, mas reunir os seus esforços para atacar a reação e defender as conquistas operárias, e empreender a ação revolucionária. Nesse sentido, toda manobra, toda atitude de passividade devem ser igualmente condenadas pelo proletariado."

Madrid, 30 de novembro de 1933. O comitê do grupo de Madrid da Esquerda Comunista Espanhola.

(*Comunismo*, n. 31, janeiro de 1934, pp. 22-23.)

Documento 13:

O APELO DA ALIANÇA OPERÁRIA DA CATALUNHA (DEZEMBRO DE 1933)

"Camaradas,

O progresso da reação capitalista é um fato de caráter mundial que ninguém pode negar, embora assumam em cada país feições particulares.

Na Itália e na Alemanha, concentrou-se sob a forma de um fascismo criminoso e destruidor que quer reconduzir os povos às formas políticas da Idade Média.

Em outros países da Europa e da América, assume formas que, sem atenuar o seu caráter odioso, atingem o seu objetivo, respaldando na aparência as condições econômicas e políticas predominantes.

Entre nós, na Espanha, vemos com clareza que ela está a ponto de triunfar.

Primeiro, corrompe o sistema eleitoral, recorrendo aos processos mais infames para obter, no Parlamento, senão uma maioria absoluta, pelo menos uma minoria tal que não se possa governar sem contar com ela. Depois, impõe o governo a proclamar o estado de prevenção previsto na Lei da Ordem Pública, que desarma a classe operária e a priva

de meios de defesa frente aos golpes que o governo lhe inflige e que favorecem a direita reacionária.

Enfim, como terceira etapa de sua ação infame e nefanda, utiliza a inconsciência das massas laboriosas agrupadas em torno da FAI e da CNT, a fim de precipitá-las na rua e conduzi-las a um choque brutal contra a Força Pública, e busca maquievolmente, dois objetivos igualmente favoráveis para ela: comover a opinião pública para justificar as piores monstruosidades do Poder Público, e semear o terror, a desolação e a morte, que justificariam um golpe de Estado reacionário e fascista. Cálculos logicamente deduzidos dos fatos. Porém, eles não terão êxito.

Para impedir isso, nós estamos lá. As organizações abaixo assinadas, de tendências e aspirações doutrinais diversas, mas unidas num desejo comum de preservar as conquistas obtidas até agora pela classe operária espanhola, constituíram a Aliança Operária, a fim de se opor ao estabelecimento da reação em nosso país, para evitar toda tentativa de golpe de Estado ou de instauração de uma ditadura, se for tentado, e para manter intactas as conquistas obtidas até agora e que constituem o patrimônio mais precioso da classe operária espanhola.

Trabalhadores da Catalunha e da Espanha! Façam o que nós fizemos! Renunciem às querelas, que os opõem a seus irmãos explorados, conservando e defendendo seus pontos de vista doutrinais, a fim de constituir os seus comitês locais e regionais antifascistas, de modo que sintetizem as suas aspirações num organismo representativo em escala nacional. Oponham ao fascismo e à reação o muro intransponível de nossa vontade e de nossas decisões.

Pedimos às organizações operárias da Catalunha que desejem unir-se e cooperar conosco que nos enviem sua adesão ao seguinte endereço: Rauric, 14 principal; Comité de Alianza Obrera.

Como anunciamos, convocaremos, desde que as circunstâncias o permitam, uma Conferência Regional de todas as organizações de acordo com a obra que lhes propomos realizar.

Trabalhadores organizados da Catalunha! Envie-nos suas adesões! Que ninguém falte à Frente Operária Antifascista!

Viva a união da classe operária pela defesa de todas as suas conquistas!

Pela UGT: Vila Cuernca. Pela União Socialista: Martínez Cuernca. Pela Esquerda Comunista: Andrés Mir. Pelo Bloco Operário e Campesões: Aguilar. Pelo PSOE: Videla. Pelos sindicatos da oposição: A. Peralta. Pela União dos Varejistas: J. Cabrer.

N. B. - Considerando que se trata de uma frente exclusivamente operária, as organizações e partidos que não repousarem sobre uma base de classe poderiam aderir moralmente, mas não poderiam ser membros efetivos.

(Comunismo, n. 31, janeiro de 1934, pp. 30-31.)

Documento 14:

DECISÕES DE AÇÃO DO COMITÊ EXECUTIVO DO PARTIDO SOCIALISTA (JANEIRO DE 1934)

1. Organização de um movimento francamente revolucionário, tão intenso quanto possível, utilizando todos os meios de que se poderá dispor.
2. Decisão de desencadear esse movimento no momento em que se julgar favorável, inclusive antes que o inimigo, cujos preparativos são evidentes, tome precauções, seja definitivas, seja que lhe assegurem uma vantagem.
3. Evitando o confusãoismo, o Partido e a União Geral entrarão em contato com os elementos que aceitem participar do movimento.
4. O Partido Socialista e a União Geral assumem o poder político, se a Revolução triunfar, com a participação eventual de representantes dos elementos que participaram diretamente da Revolução.
5. Desenvolver, a partir do poder, e sem demora, o programa mínimo exposto no projeto de base."

(Segundo a Ata da Sessão, cópia nos arquivos do PCE, Guerra y Revolución em Espanha, II, p. 54.)

Documento 15:

OS ANARQUISTAS CONTRA A FRENTE ÚNICA (1934)

"A Frente Única no eume tem os resultados inversos daqueles procurados, mas uma Frente Única na base entre simples operários de todos os campos sociais, decididos a se levantar pela Revolução, é útil e significaria a vitória.

Porém, é quando se recorre à segunda fórmula que objetamos: essa Frente Única descejada é realizável? Atualmente, a sua possibilidade não existe. De modo algum.

Se, para realizar a unificação, é necessário ter um denominador comum baseado num acordo mínimo que deve ser a destruição do capitalismo e do Estado, os socialistas que defendem no Parlamento uma Constituição capitalista e estão prontos a defendê-la inclusive na rua, e os comunistas estalinistas que querem construir um novo Estado, como chegarão a uma Frente que busca destruir o que eles defendem e desejam?

E quem, a não ser as direções desses partidos, se opõe ao que essa Frente opere, atue e negocie?

Creio que a impossibilidade é demasiado evidente. Se há uma fórmula que tornaria possível a formação dessa Frente, a de que os operários socialistas, comunistas, ugeístas ou outros ultrapassem os seus dirigentes e se unam aos outros operários, numa revolta aberta,

aceitando explicitamente o objetivo mínimo possível, depois de terem passado por cima da cabeça de seus líderes."

("O que se discute: a frente única", *Solidaridad Obrera*, 16 de fevereiro de 1934.)

Documento 16:

TRECHOS DOS DEZ MANDAMENTOS DO JOVEM SOCIALISTA ESPANHOL (1934)

1. Os jovens socialistas devem habituar-se às mobilizações rápidas, em formação militar, por fileiras de três.
2. Cada grupo de nove (três fileiras de três) formará a dezena, nele acrescentando-lhe um líder que marchará do lado esquerdo...
4. É preciso fazer manifestação por toda parte, aproveitando todos os momentos, não negligenciando nenhuma ocasião. Fazer manifestação militarmente para que todas as nossas ações criem à sua volta uma atmosfera de temor e de respeito.

(...)

8. A única idéia que o jovem socialista deve ter gravada em seu espírito é que o socialismo só pode impor-se pela violência, e que o companheiro que propõe o contrário, que ainda tem sonhos democráticos, quaisquer que sejam, é um traidor, conscientemente ou não.

10. E sobretudo isto: armar-se. Seja você quem for, e onde quer que esteja e seja lá por qual processo, passe adiante: Arme-se, e depois, se puder, arme o seu vizinho, enquanto faz todo o possível para desarmar o inimigo."

(*Renovación*, 17 de fevereiro de 1934.)

Documento 17:

PACTO DA ALIANÇA OPERÁRIA DAS ASTÚRIAS

"As organizações abaixo assinadas concordam entre si em reconhecer que, diante da situação econômica e política do regime burguês, se impõe a ação unida de todos os setores operários, com o objetivo exclusivo de promover e de levar a bom termo a Revolução Social. Para este fim, cada organização que assina embaixo promete realizar os termos do compromisso assim determinado nas seguintes condições:

1. As organizações signatárias desse pacto trabalharão de comum acordo até o triunfo da Revolução Social na Espanha, estabelecendo aí um regime de igualdade econômica, política e social, fundado nos princípios socialistas federalistas.

2. Para alcançar esse objetivo, será constituído, em Oviedo, um Comitê Executivo, representando todas as organizações que aderirem a

esse pacto, o qual agirá de acordo com um outro, nacional, e de caráter idêntico, respondendo às necessidades da ação geral no conjunto da Espanha.

3. Como consequência lógica das condições 1. e 2. desse pacto, fica entendido que a constituição do Comitê Nacional é a premissa indispensável (no caso em que os acontecimentos se desenvolverem normalmente) para empreender toda ação relacionada com os objetivos desse pacto, na medida em que ele se esforça por realizar um empendimento nacional. O Comitê Nacional a constituir será o único habilitado a ordenar aquele que se instalar em Oviedo as operações a empreender relacionadas com o movimento que eclodirá em toda Espanha.

4. Em cada localidade das Astúrias será constituído um Comitê que deverá ser composto de delegados de cada uma das organizações signatárias e das que, trazendo a sua adesão, forem admitidas no seio do Comitê Executivo.

5. A partir da data de assinatura desse pacto, cessarão todas as campanhas de propaganda que poderiam perturbar ou exasperar as relações entre as diferentes partes assim aliadas, sem que isso possa, na verdade, significar o abandono do trabalho doutrinário e ponderado empreendido pelos diferentes setores do movimento operário que integram a Aliança Operária Revolucionária, conservando, para esse fim, a sua independência política.

6. O Comitê Executivo elaborará um plano de ação que, graças ao esforço revolucionário do proletariado, assegurará o triunfo revolucionário do proletariado em seus diferentes aspectos, e o consolidará segundo as normas de um acordo a estabelecer.

7. Tornar-se-ão cláusulas adicionais ao presente pacto todas as decisões do Comitê Executivo cuja execução será obrigatória por todas as organizações representadas, devendo essas decisões ser observadas estritamente, tanto durante o período de preparação revolucionária quanto após a vitória. Convenciona-se que as decisões do Comitê Executivo se inspirarão no conteúdo desse pacto.

8. O compromisso contratado pelas organizações signatárias terminará no momento em que tiver sido implantado o regime mencionado no Artigo 1.º, com seus organismos próprios, livremente eleitos pela classe operária e pelo processo que tiver sido indicado pela realização da obra desse pacto.

9. Considerando que esse pacto constitui um acordo entre organizações da classe operária, a fim de coordenar sua ação contra o regime burguês e aboli-lo, as organizações que tivessem um laço orgânico com esses partidos burgueses o romperiam automaticamente, para se consagrar com exclusividade à perseguição dos objetivos determinados pelo presente pacto.

10. Dessa aliança revolucionária, fazem parte..."

Assinado em 28 de março de 1934 pelos representantes da CNT e da UGT nas Astúrias, depois pelos da Federação Socialista Asturiana (FSA), da Juventude Socialista das Astúrias (JSA), do Bloco Operário e

Camponés (BOC), do Sindicato Mincero Asturiano (UGT), da Esquerda Comunista (EC), e das Juventudes Libertárias (IL).

Documento 18:

1. Com. 18

O PARTIDO COMUNISTA E A ALIANÇA OPERÁRIA

...“Os camaradas aliancistas agem como Hitler em relação aos comunistas, diante dos operários que eles chegam a enganar...”

...Essa Aliança é formada por líderes da CNT que defendiam a política do ‘bastar-se a si mesmo’, por líderes como Pestaña, cuja política é definida no opusculo anticomunista *Sesenta Dias na Rússia*, por indivíduos como Maurín que passou da Internacional Comunista à do Paralelo. Dessa aliança participam os líderes socialistas que sabotaram todos os movimentos operários, aqueles que propagaram em alta dose o ópio reformista, os colaboradores de Ando e de Primo de Rivera, os bombeiros da Revolução, esse pessoal que defendeu a política da Guardia Civil, os massacres de Arnedo, de Ejiña, de Casas Viejas etc.

Essa Aliança só foi formada para ludibriar os trabalhadores, para fazê-los crer que a Frente Única é um fato, para impedir que a verdadeira frente única se realize nos locais de trabalho, nas fábricas e nos bairros operários. Essa Aliança nada mais é do que uma comadrice de líderes cujas bases ideológicas repousam num monte de estorço político... Essa Aliança nada mais é que uma cabala anticomunista.”

(Ramón Rodríguez, “Frente único y Alianza Obrera”, *El Noroeste*, 15 de maio de 1934.)

Documento 19:

OPINIÃO DA IC SOBRE A EVOLUÇÃO DA JS

“A Juventude Socialista da Espanha se pronuncia ainda hoje pela diladura do proletariado, pela luta imediata pelo poder. Foi sob esse signo que se desenrolou a última sessão das Juventudes Socialistas. Estas se pronunciaram contra a colaboração do PS com os partidos burgueses. Porém, ao lado das teses que provam a radicalização da Juventude Socialista, o Congresso tomou uma decisão sobre a inutilidade de uma participação mais longa nas Cortes, considerando que, ‘para os interesses da revolução socialista, abandonar o Parlamento será mais útil, a fim de se consagrar inteiramente à ação revolucionária’. Esse ponto de vista pseudo-revolucionário e, na realidade, anarco-sindicalista encontrou sua expressão na atitude negativa da Juventude Socialista diante da luta pelas reivindicações quotidianas dos jovens.

É característico que os Partidos Socialistas se esforcem por conduzir, hoje, a luta contra os Partidos Comunistas com frases ‘de esquecida’.

128

intervindo contra o desdobraimento da luta económica dos operários como um dos métodos de arrastar as grandes massas proletárias na luta pelo poder.

O Comité Central das JS até rompeu as negociações com as Juventudes Comunistas da Espanha, sob o pretexto de que as suas propostas de lutar pelas reivindicações quotidianas da juventude operária e trabalhadora desmascaram... o reformismo das JS.

...Na *Juventud roja*, órgão das Juventudes Comunistas espanholas, era possível ler, há alguns meses, a seguinte informação, proveniente de uma organização local:

“As Juventudes Socialistas nos propuseram uma aliança pela luta contra a burguesia. Não são as Juventudes Socialistas que a propõem, mas as manobras de toda a burguesia. Nós aceitamos, mas na base de uma luta concreta, de nossas palavras de ordem. Colocamos em primeiro plano, é natural, a luta contra seus líderes que servem o bloco contra-revolucionário. Entretanto, eles não aceitarão tais formas de frente única para não lutar contra seus líderes. É então que desmascaremos seu papel contra-revolucionário!”

(N. Frunkin, “La crise dans les Jeunesses Socialistes”, *L'Internationale Communiste*, n. 18, pp. 1204 e 1212, 20 de setembro de 1934.)

Documento 20:

A INSURREIÇÃO DAS ASTÚRIAS EXPLICADA POR UM SOCIALISTA DE ESQUERDA

“Esse espírito de combate engranara sobretudo nas juventudes operárias totalmente impregnadas de propaganda comunista e sobretudo trotskista, inclusive nas fileiras socialistas. Pode-se dizer que a Revolução foi obra das juventudes proletárias... Quando se conhecerem todos os pormenores dessa ampla e profunda insurreição, ver-se-á que as juventudes operárias, apenas elas, a desencadearam, mesmo contra a vontade dos dirigentes sindicalistas. Foi um movimento irresistível, que partiu de baixo, de uma massa que não estava disposta a deixar escapar a sua batalha contra o fascismo. A tensão revolucionária atingira tal grau que, se não tivesse explodido, o proletariado de tendência socialista teria rompido seus quadros sindicais e se reunido àqueles que eram de caráter comunista ou anarco-sindicalista. Esse proletariado, até então pacífico, exigia o batismo de fogo como o início de um nova atitude histórica.”

(Luis Arquistáin, “La revolución de Octubre en España”, *Leviathan*, n. 21, fevereiro de 1936, p. 33.)

129

Documento 21:

APELO DA JUVENTUDE SOCIALISTA ESPANHOLA PELA UNIDADE INTERNACIONAL (TRECHOS)

"Companheiros,

Durante a Revolução de Outubro, lutamos junto contra o fascismo, num mesmo bloco e pelo mesmo objetivo. Por que não é mais assim? Por que continuar separadamente se nossa linha é a mesma? A Juventude Socialista rompeu definitivamente com o reformismo social-democrata, e pretende, de acordo com a Juventude Socialista da França, da Bélgica, da Suíça, da Tchecoslováquia, da Inglaterra e da Áustria, empreender a reconstrução do movimento da juventude na base mais pura do marxismo revolucionário. A direção internacional necessária para obter a vitória não existe. A Segunda e a Terceira Internacional perderam seu papel dirigente. Com a vitória de Hitler, nasceu um novo movimento. Creemos que é necessário e urgente fazê-lo ter êxito.

Retornemos a Marx e a Lenin. Unamos a juventude proletária numa Internacional que tenha rompido com os erros do passado.

Eis por que convidamos a Juventude Comunista, os jovens comunistas de esquerda, a juventude do Partido Comunista Ibérico, a ingressar em massa, enquanto tais, na Juventude Socialista da Espanha. Convidamos a juventude proletária revolucionária a aderir à nossa bandeira pela reconstrução do movimento proletário internacional.

Pela unidade orgânica da Juventude Revolucionária!

(Por uma Internacional marxista!)

⊕ Temos, sobre essa proposição, uma discussão com a Juventude Comunista: esta rejeitou de modo sectário as nossas proposições. No entanto, não perdemos a confiança.

Jovens comunistas, pressionem a sua direção para que seja realizada a unidade orgânica!

Jovens operários, a Juventude Socialista da Espanha os convoca para a unidade!

Viva a Revolução de Outubro!

Viva a unidade orgânica!"

(Trad. fr. em *La Vérité*, n. 231, 10 de fevereiro de 1935.)

Documento 22:

APELO DE SANTIAGO CARRILLO A UNIDADE DOS REVOLUCIONÁRIOS

"Os dissidentes dirigidos por Trotski, o infatigável revolucionário, representam uma tendência do proletariado.

O Bloco Operário e Camponês está circunscrito apenas à Catalunha.

Quando se realizar a depuração do Partido Comunista, poderão esses grupos se recusar a entrar em nosso Partido?"

(Declaração feita em 9 de agosto de 1935, reproduzida em *La Batalla*, 11 de fevereiro de 1937.)

III. A Frente Popular

Documento 23:

DECLARAÇÃO DO PCE POR SEU INGRESSO NA ALIANÇA OPERÁRIA

"As Alianças operárias - seu nome o indica - surgiram enquanto órgão de apenas uma das forças motrizes fundamentais da Revolução, a do proletariado - a força dirigente -, mas deixam fora a segunda, que é o campesinato, sem cuja aliança a Revolução não pode triunfar. É por isso que a Aliança Operária deve chamar-se Aliança Operária e Camponesa, e mudar não só de nome, mas de conteúdo, incorporando em suas fileiras as organizações do campesinato.

(Nas Alianças operárias não estão representadas as massas da CNT, da CGTU, dos sindicatos autônomos, e delas está ausente a grande massa dos operários não organizados... e os trabalhadores de unidade.) A fim de que as Alianças exprimam democraticamente a vontade revolucionária das massas, é preciso que sejam regidas pelas regras da democracia proletária e que os delegados delas participantes sejam democraticamente designados pelas assembleias de trabalhadores dos organismos que as compõem. É também necessário que as Alianças sejam órgãos de frente única de luta para todas as ações dos operários e das massas camponesas, sejam elas parciais ou não, económicas, políticas, orientando-as para os objetivos últimos.

O Comité Central do Partido Comunista da Espanha (seção da I) se pronuncia pelo ingresso de todas as suas organizações nas Alianças operárias onde existem, e convida a criá-las onde não existem. Ao mesmo tempo, pede às frações comunistas de todas as organizações de massa que proponham o ingresso imediato destas últimas nas Alianças operárias. Ao ingressar nas Alianças, o Comité Central declara que os comunistas propagarão e defenderão cordial e democraticamente seus pontos de vista e métodos de organização dentro das Alianças operárias, com o objetivo de convencer as outras forças que delas fazem parte da justiça dos métodos de organização, da tática e da linha política do Partido Comunista."

(*Guerra y Revolución en España*, I, pp. 58-59.)